

Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues
PhD em Artes pelo Chelsea College of Arts, University of the Arts London (CCW/UAL). Professora Adjunta da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), atuante no curso Artes Visuais – Bacharelado e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV). Supervisiona projetos na linha de pesquisa Poéticas Artísticas e Processos de Criação, com ênfase nos diálogos entre Artes Visuais e Estudos Auto/Biográficos. É líder do grupo de pesquisa Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA/UFG/CNPq).
manoelaafonso@ufg.br. Website: www.autobiogeography.org.
https://orcid.org/0000-0003-4994-4291

O espaço autobiogeográfico em construção

El espacio autobiogeográfico en construcción

Resumo: Neste artigo, apresento a disciplina Laboratório de Práticas Autobiogeográficas e destaco o fazer artístico que se dá como prática de si criticamente situada na convergência entre Artes Visuais, Estudos Auto/Biográficos e Estudos Decoloniais. Nesse contexto, observo a emergência do espaço autobiogeográfico como campo de experimentação de poéticas de (auto)localização que confrontam a colonialidade do ser, do sentir e do saber.

Palavras-chave: Autobiogeografia; Espaço Autobiogeográfico; Autobiografia; Espaço Autobiográfico; Artes Visuais.

Resumen: *In this article, I present the subject Laboratory of Autobiogeographical Practices and highlight the art-making that takes place as a practice of the self critically situated in the convergence between Visual Arts, Auto/Biographical Studies, and Decolonial Studies. In this context, I observe the emergence of the autobiogeographical space as a field of experimentation for poetics of (self) location that confront coloniality of being, sensing, and knowing.*

Palabras clave: Autobiogeography; Autobiogeographical Space; Autobiography; Autobiographical Space; Visual Arts.

Laboratório de Práticas Autobiogeográficas

A disciplina de núcleo livre¹ *FAV0751 Laboratório de Práticas Autobiogeográficas* foi criada em resposta às reflexões tecidas no artigo *Autobiogeografia como metodologia decolonial* (RODRIGUES, 2017), publicado nos anais do 26º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), em 2017. De caráter prático, a disciplina nasceu com o objetivo de experimentar a abordagem autobiogeográfica no contexto das Artes Visuais para observar que lugares de enunciação poderiam emergir dos fazeres artísticos que se dão como prática de si criticamente situada.

A primeira oferta da disciplina aconteceu em dezesseis encontros presenciais realizados no segundo semestre de 2018, nas quartas-feiras à tarde, das 14h às 17h40, com a presença de quinze estudantes matriculadas/os. A segunda oferta se deu também em dezesseis encontros, no entanto realizados no modo on-line no primeiro semestre do calendário civil de 2021 como disciplina do segundo semestre letivo de 2020². As aulas aconteceram na plataforma de videoconferências Google Meet nas quintas-feiras à tarde, das 14h às 17h40, com a presença de onze estudantes matriculadas/os.

A ementa desse núcleo livre é composta pelos seguintes assuntos: Opção decolonial; Escritas de si e política do lugar; Atos autobiográficos e práticas coletivas; Autobiogeografia como metodologia decolonial; Arte como lugar de enunciação; Autobiogeografia na prática. A metodologia adotada na disciplina envolve a própria autobiogeografia (RODRIGUES, 2017; 2021), a transpedagogia (HELGUERA, 2011), a pedagogia

[1] A versão original desta citação em língua original se encontra em Nota de Fim, número 1.

[2] Devido à pandemia da COVID-19 houve a interrupção imediata das atividades acadêmicas presenciais em março de 2020. Na graduação, o calendário letivo da UFG ficou atrasado cerca de seis meses em relação ao calendário civil, de modo que no primeiro semestre civil de 2021 foram ofertadas disciplinas do segundo semestre letivo de 2020, no modo on-line.

[3] Dimensões da Prática: passagens entre arte, ensino e pesquisa. CONEXÃO ARTE – Centro de Artes / UFPEL. Youtube, 17 dez. 2020. 1 vídeo (1h54min20s) Disponível em: <https://youtu.be/hOAWNhEn1M>. Acesso em: 20 out. 2021.

crítica interseccional (HOOKS, 2013) e a pedagogia da (re) existência (ACHINTE, 2013). Ao longo dos últimos cinco anos, a combinação dessas abordagens tem delineado minha prática em suas três dimensões: artística, docente e investigativa. Conforme mencionado na conferência³ realizada no âmbito do projeto *PPGAVI Convida*, em 17 de dezembro de 2020, tenho procurado observar onde e como me localizo em meio às passagens que vou estabelecendo entre tais dimensões – a do fazer, a do pesquisar e a do ensinar. As abordagens aqui mencionadas têm me orientado, então, a criar *modos de passar*.

A autobiogeografia, por exemplo, auxilia na criação de espaços que favorecem a escuta e observação atentas das experiências situadas apresentadas pelas/os estudantes à medida que vão articulando suas práticas artísticas ao longo do semestre. Já a transpedagogia destaca o caráter poético da disciplina, pois busca-se combinar processos educacionais e artísticos para que, juntos, proporcionem um ambiente que se aproxime mais do funcionamento de um coletivo de arte do que de uma disciplina propriamente dita, digo, em seus moldes mais tradicionais. Em propostas transpedagógicas, o projeto poético se conecta ao contexto do ensino e da pesquisa para estabelecer novos modos de produção e acesso ao conhecimento em meio a processos de criação artística individuais e coletivos. O diálogo e a escuta, por sua vez, são elementos caros à pedagogia crítica e à pedagogia da (re)existência, imprescindíveis para o processo de criação de ambientes seguros para a partilha de singularidades em meio a uma coletividade que vai adquirindo forma semana a semana, de acordo com o

engajamento das pessoas envolvidas na disciplina.

Em 2018 os objetivos do núcleo livre foram assim traçados: Compreender os principais conceitos que fundamentam a noção de opção decolonial; Compreender gêneros autobiográficos como o diário, o memorial, a correspondência, a autoficção e a *autohistoria-teoría* (PITTS, 2016); Relacionar produções artísticas com o campo da auto/biografia e com a opção decolonial a fim de problematizar a política do lugar e refletir sobre a importância da sua intersecção com o campo das Artes Visuais na contemporaneidade; Criar autobiogeografias; Planejar e realizar uma mostra coletiva dos trabalhos artísticos desenvolvidos ao longo da disciplina, seguida de roda de conversa sobre atos autobiográficos e práticas decoloniais nas Artes Visuais.

Já em 2021, os objetivos foram reordenados da seguinte forma: Criar autobiogeografias; Conhecer gêneros autobiográficos como o diário, o memorial e a correspondência; Estudar conceitos como espaço/lugar e relacioná-los com o fazer autobiográfico; Compreender noções básicas sobre decolonialidade; Produzir um e-book ou uma exposição virtual a partir dos processos de criação gerados ao longo do semestre.

Com a reordenação dos objetivos, em 2021, a criação de autobiogeografias passou para o primeiro plano. Tal movimento se deu em decorrência do esforço que temos feito para localizar a prática artística no início do percurso das/os estudantes, sobretudo quando lidamos com disciplinas ligadas diretamente às poéticas artísticas e aos processos de criação, seja em nível de graduação ou pós-graduação. Esse movimento reivindica a centralidade do fazer artístico

em componentes curriculares de caráter prático, de modo que possamos assumir o fazer como gerador de reflexões e debates fundamentais para disciplinas dessa natureza. Espera-se perceber, compreender, comunicar e compartilhar os conhecimentos artísticos que surgem em meio ao fazer, ressaltando sua importância para a formação bem como para a consolidação das linhas de pesquisa em poéticas artísticas. A teoria, nesse caso, é um estímulo ao fazer e à reflexão que se dão com a própria prática, numa relação dialógica que não permite hierarquizações entre prática e teoria, entre fazer, ler, dizer e escrever.

Sou uma pessoa dançando a música da minha vida

Em 2018, quatro ativações foram utilizadas no início das aulas junto ao grupo de quinze estudantes: 1) Localize a sua memória mais antiga; 2) Se você é uma pessoa dançando a música da sua vida, como poderia descrever os seus movimentos?; 3) Da lembrança mais antiga até o presente momento, quantas vezes você provocou mudanças profundas em seu percurso? (nomeá-las e listá-las cronologicamente); 4) Que autorretratos desenharam tais mudanças?

A escrita cotidiana, nos moldes de um diário, foi adotada como instrumento para lidar com a pergunta: *Onde estou localizada/o no movimento da minha vida?* Nesse processo, o diário foi utilizado para registrar memórias e imagens, servindo também, segundo algumas pessoas, como lugar para uma conversa consigo mesma/o, para prestar atenção à passagem do tempo, ou ainda como estímulo à expressão de si e à percepção do dinamismo dos processos de criação. Um aluno ressaltou que o diário é uma coleção de escritos

de si que exige uma forma específica de leitura, pois as posicionalidades do sujeito que ora lê, ora escreve no diário, são diferentes. Ao ler o próprio diário, a pessoa se situa num lugar ambivalente: está no presente a “ouvir” sua voz textual ecoar desde um outro tempo, no tempo passado da escrita. O lugar da leitura oferece, portanto, um ponto distinto de observação não apenas da experiência vivida como também da própria experiência da escrita no diário. Nesse momento, vínculos talvez não percebidos durante o ato de escrever puderam ser revelados, oferecendo *insights* quanto às dinâmicas temporais da vida e da criação.

Além do diário, foram propostos exercícios de meditação⁴ inspirados no método de Ira Progoff (1981) apresentado em seu livro *The well and the cathedral* (O poço e a catedral). O objetivo foi estimular um movimento de entrada nas questões mais profundas relacionadas às experiências de vida criticamente situadas dos participantes da disciplina. Progoff (1981) propõe oito ciclos de meditação para abrir uma porta para dentro que leva ao universo dos conhecimentos interiores. Os exercícios propostos se concentraram nas partes IV e V do livro, que estimulam a visualização de um poço⁵ pelo qual cada estudante foi convidado a descer com o objetivo de observar as imagens internas que poderiam ser encontradas pelo caminho (Figura 1). O autor ressalta que, durante a meditação, as memórias pessoais são as que primeiro emergem da experiência de descida. O poço é um elemento que convoca as experiências individuais e estimula sua conexão com o inconsciente coletivo através da imagem de uma corrente comum de água subterrânea, a qual interliga todos os poços existentes, ou seja, todos nós⁶. Cada

[4] Tais exercícios foram realizados pela primeira vez em 2017, na Casa Aurora, Setor Sul, Goiânia, junto a integrantes do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA) que, naquele momento, estava em processo de experimentação e formação.

[5] “We move about/ Exploring,/ Observing,/ And recording/ All that we discover/ In the depths/ Of the well of our life./ We each go down our own well,/ The well of our life./ We do not go down another’s well/ But only our own,/ Sometimes sending images/ From the deep places/ As messages/ To those around us” (PROGOFF, 1981, p. 77).

[6] “We are exploring together/ In the underground stream./ Each of us came down our own well/ Alone/ As a private person,/ But we are all meeting here/ In the underground stream./ All our separate wells/ Lead to this underground stream./ It is the deep resource/ For all of us./ All our wells draw from it./ It is our source of supply./ These moving Waters/ Are home for each of us” (PROGOFF, 1981, p. 111).

[7] A versão original desta citação em língua original se encontra em Nota de Fim, número 2

[8] "Many shapes and forms,/ Sounds and smells,/ Many visions and symbols/ Present themselves/ To the inward eye./ It is an inward knowing,/ A direct knowing,/ A beholding/ Through our life/ Of dimensions beyond our life" (PROGOFF, 1981, p. 93).

[9] A versão original desta citação em língua original se encontra em Nota de Fim, número 3

[10] A versão original desta citação em língua original se encontra em Nota de Fim, número 4

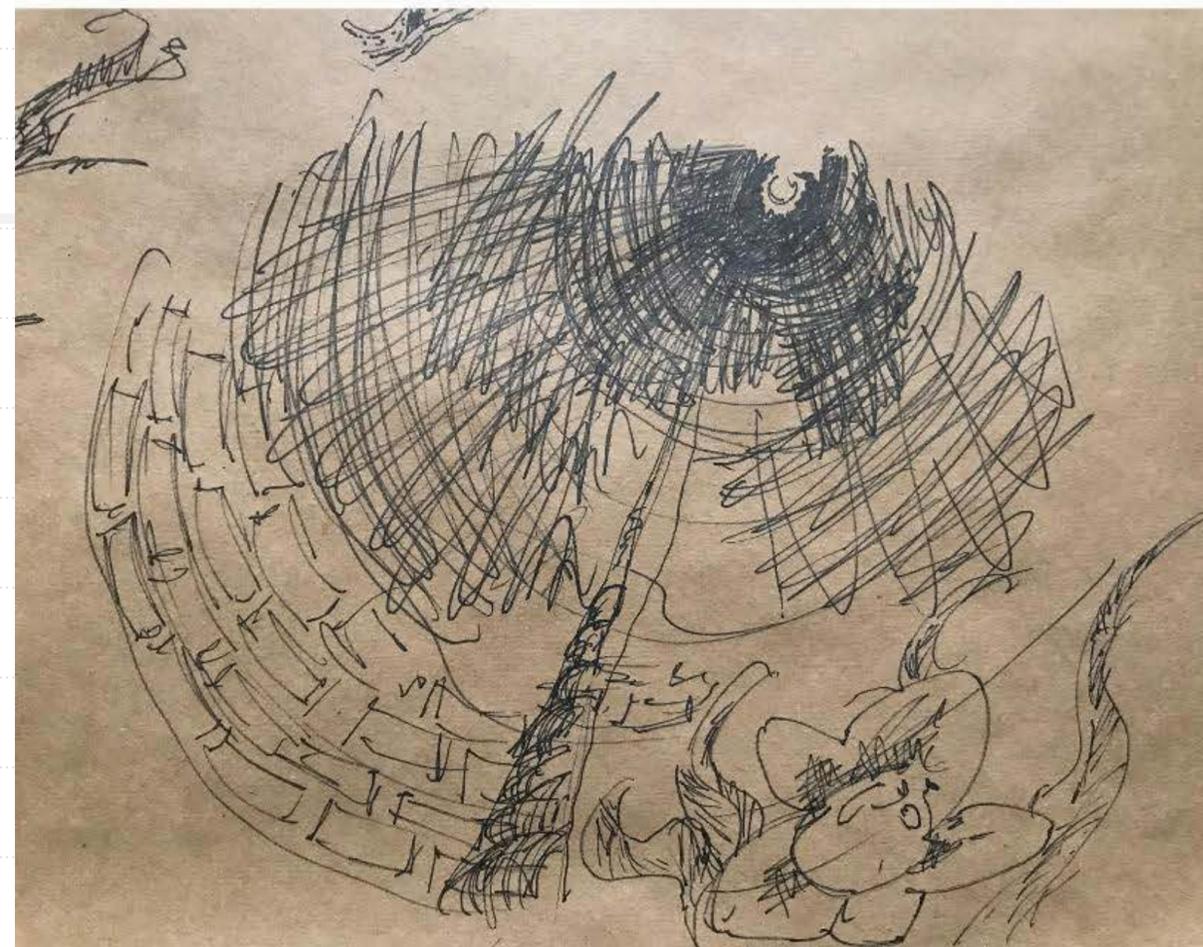
[11] New Arte Centre. Página inicial. Disponível em: <https://www.sculpture.uk.com>. Acesso em: 20 out. 2021.

pessoa empreende a sua jornada de descida para, em algum momento, conectar-se à corrente coletiva, ou seja, à fonte, à memória histórica, aos complexos culturais (BOECHAT, 2014), à genealogia, à memória da humanidade⁷.

Dos primeiros passos dados para dentro do poço, espera-se que símbolos, sons, palavras, intuições e imagens⁸ surjam, sejam reconhecidos (e não julgados) e então registrados por meio da escrita, desenho, gravação em áudio, dentre outras formas⁹. A partir disso, constrói-se uma atmosfera diferenciada para um tipo de diálogo que possibilita a criação de pontes entre percepções individuais e coletivas sobre temas e experiências muito específicos, mas abrangentes ao mesmo tempo. Cria-se, assim, uma atmosfera propícia à criação. Nesse movimento, entre as esferas interior e exterior, individual e coletiva, artística e de vida, tecemos relações de cumplicidade aula a aula, de modo que as pessoas passaram a vivenciar seus processos artísticos pessoais em meio a uma coletividade¹⁰ que também estava em constante processo de formação.

Outra atividade que constituiu os processos de criação de autobiogeografias nessa turma foi a realização de retratos. Partimos de uma seleção de poemas para nutrir as conversas em torno do tema: *Eu-Mulher*, de Conceição Evaristo; *O Auto Retrato*, de Mário Quintana; *Auto-retrato*, de Manuel Bandeira; *Auto-Retrato Falado*, de Manoel de Barros; *Retrato*, de Cecília Meireles. A partir de leituras e conversas sobre as (im)possibilidades de representação e apresentação do "si mesmo", do "eu" e do "outro", foi lançada ao grupo a proposta da criação de retratos-entrevista. A dinâmica foi inspirada numa vivência da qual participei no *New Art Centre*¹¹, em 2013,

Figura 1. O poço e a catedral (capítulos IV e V), 2018. Exercício de meditação. Desenhos sobre papel kraft realizados por estudantes matriculados na primeira turma da disciplina Laboratório de Práticas Autobiogeográficas. Fonte: Arquivo pessoal.



[12] Eileen Hogan. *Roche Court Exhibition*. Disponível em: <https://eileenhogan.co.uk/portfolio-item/roche-court-exhibition>. Acesso em: 20 out. 2021. .

[13] Eileen Hogan. *Little Sparta*. Disponível em: <https://eileenhogan.co.uk/portfolio-item/little-sparta>. Acesso em: 20 out. 2021.

[14] Little Sparta. Página inicial. Disponível em: <https://www.littlesparta.org.uk>. Acesso em: 20 out. 2021.

[15] Breve registro sonoro do ambiente de conversa gerado em aula durante os retratos-entrevista (Laboratório de Práticas Autobiográficas. Manoela. *Vimeo*, 16 out. 2021, 1m4s. Disponível em: <https://vimeo.com/633897038>. Acesso em: 20 out. 2021).

junto à artista Eileen Hogan. Como parte da programação da sua exposição *Vacant Possession*¹², composta por nove pinturas da série *Little Sparta*¹³ inspiradas no jardim-obra do artista Ian Hamilton Finlay¹⁴, Hogan nos ofereceu uma oficina de desenho combinada com práticas de história oral (Figura 2). A proposta gerou um entrosamento interessante das pessoas do grupo por meio da oralidade combinada à prática do retrato. Mais do que isso: ao estabelecermos um espaço de conversa e escuta em meio a uma prática artística que demanda observação, histórias e memórias passaram a se conectar através de um emaranhado de traços: de vida, desenho e de expressão.

Na proposta para a disciplina Laboratório de Práticas Autobiográficas, cada grupo foi composto por três pessoas que ocuparam os seguintes papéis: modelo, entrevistador e retratista. Enquanto o modelo respondia às questões feitas pelo entrevistador, o retratista estava incumbido de captar as formas, movimentos e narrativas da pessoa entrevistada (Figura 3). O desafio do retratista era não só capturar os traços físicos do modelo em movimento, mas também permear o desenho com gestos, emoções, hesitações e até mesmo imagens do passado mencionadas durante a entrevista (Figura 4). Para além da produção do retrato em si, essa experiência gerou um estreitamento de laços entre os colegas através de um processo dialógico que resultou em linhas articuladoras de narrativas orais, visuais e textuais¹⁵. Essas linhas sinalizam também características específicas da minha atuação como professora que prepara o solo da sala de aula para cultivar histórias de vida que, por sua vez, alimentam práticas artísticas que florescem, mais tarde, como percepção crítica e poética ampliada: da arte, de si e do entorno.



Figura 2. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, Retrato-entrevista, 2013. Caneta hidrocor ponta fina sobre papel, 10 x 15 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 3. Retratos-entrevista, 2018. Processos de criação de estudantes matriculados na primeira turma da disciplina Laboratório de Práticas Autobiográficas. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 4. Airton Murakami Uemura, Retrato-entrevista (presente e passado), 2018. Desenho sobre papel. Fonte: Arquivo pessoal.

Ao final da disciplina, no dia 12 de dezembro de 2018, realizamos uma aula aberta à comunidade (Figura 5), das 15h às 17h, com roda de conversa e apresentações dos trabalhos artísticos criados em diversas linguagens, permeados pelos temas *memória*, *auto/biografia* e *decolonialidade* (Figura 6).

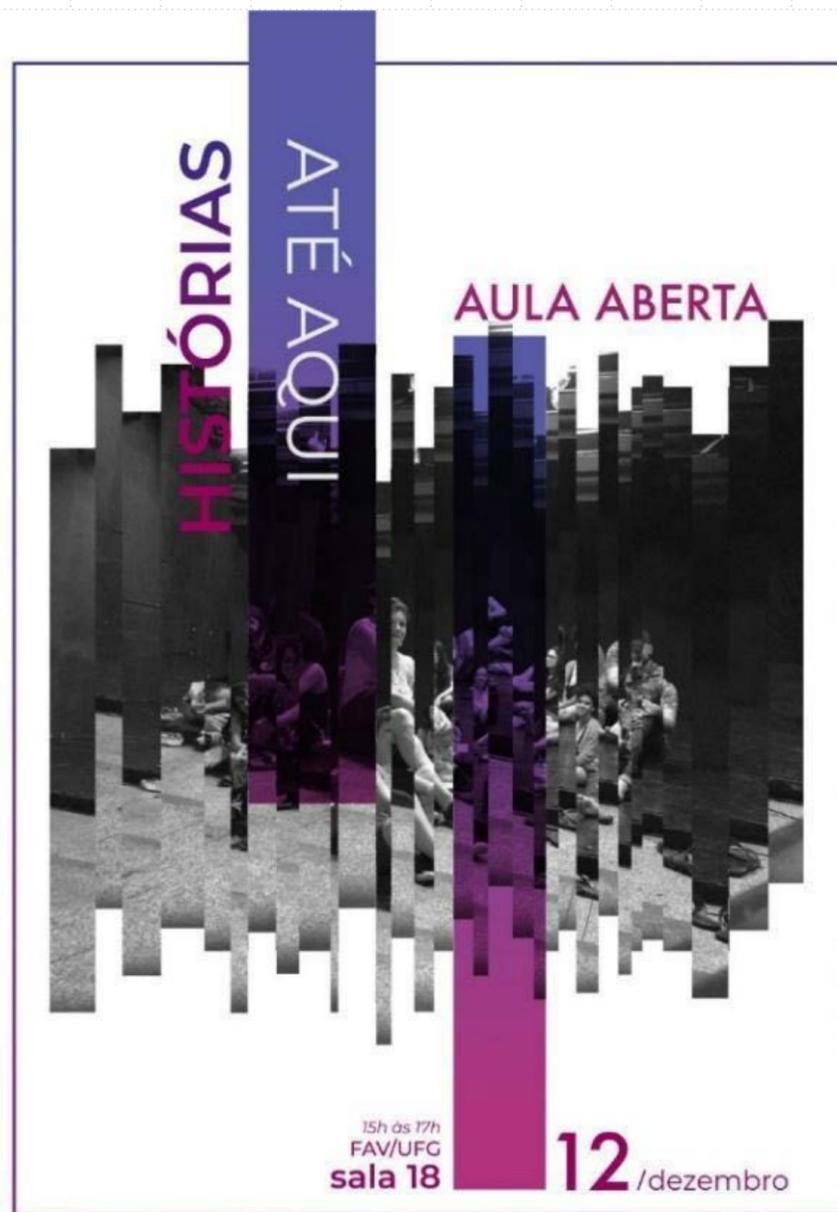


Figura 5. Airton Murakami Uemura, cartaz de divulgação da aula aberta, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 6. Aula aberta, 2018. Apresentação de trabalhos artísticos em fotografia, áudio, objetos, pintura, desenho, quadrinhos, propostas tridimensionais.

[16] O estudante de iniciação científica Felipe Santos de Souza apresentou sua pesquisa no 30º Encontro Nacional da Anpap, em 2021 (TRÍADE DA AUSÊNCIA: UMA POÉTICA SOBRE A FALTA DO PAI. ESTÚDIO ANPAP 2021 – (RE) EXISTÊNCIAS. *Youtube*, 27 set. 2021, 7m40s. Disponível em: <https://youtu.be/VxPepWJQOk8>. Acesso em: 20 out. 2021).

[17] A estudante de iniciação científica Mariana Siqueira Caldas apresentou sua pesquisa no 30º Encontro Nacional da Anpap, em 2021 (ONIROPOÉTICA: O SONHO NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA. ESTÚDIO ANPAP 2021 – (RE) EXISTÊNCIAS. *Youtube*, 27 set. 2021, 7m05s. Disponível em: <https://youtu.be/AgilhjeRXhY>. Acesso em: 20 out. 2021).

Entre sonhos, cartas e quintais

No dia 25 de fevereiro de 2021 iniciamos as atividades da segunda turma da disciplina Laboratório de Práticas Autobiográficas. Os encontros se deram de forma on-line devido ao contexto da pandemia da COVID-19. O primeiro desafio foi encontrar estratégias para criar um espaço generoso e acolhedor à distância, via videoconferências. De início, houve dúvidas se isso seria mesmo possível, mas ao final do percurso constatamos que criamos de fato um espaço coletivo para estimular o fazer artístico em meio às partilhas de histórias de vida mesmo à distância e em tempos de pandemia. As atividades nos aproximaram a ponto de criarmos laços significativos que se estenderam para além do término das aulas, através da troca de cartas.

Dessa vez, a disciplina foi dividida em três módulos: Memória de infância; Sonho vívido; e Projeto coletivo. O elemento transversal dos dezesseis encontros foi o conceito de “lugar” a partir do seu entendimento como pausa resultante de uma experiência significativa vivida no espaço (TUAN, 1983). No primeiro dia de aula as conversas foram se estabelecendo como respostas a uma pergunta (por que você escolheu cursar esta disciplina?) e a uma provocação (descreva um lugar do qual você sente uma saudade imensa). As respostas à pergunta revelaram desejos pela liberdade de falar de si na academia, somados a interesses pelos estudos decoloniais e pelas ativações feministas vinculadas à máxima “o pessoal é político” (HANISCH, 2009), além da curiosidade sobre a abordagem autobiográfica. Já a

provocação relativa à “saudade imensa” nos fez perceber o quanto nós, em isolamento, sentíamos falta dos espaços externos compartilhados: bosques, praças, ruas e o centro da cidade; a universidade, a Faculdade de Artes Visuais e os seus ateliês; os espaços culturais; a cidade natal e o quintal da casa da infância; e, também, os lugares situados no passado, na memória e no imaginário numa configuração anterior à pandemia.

O diário foi, uma vez mais, um recurso usado para que mantivéssemos as narrativas fluindo em meio aos processos de criação de autobiografias. Estudamos a autobiografia como abordagem crítica e criativa de autolocalização e, mais adiante, recebemos em nossa sala de aula on-line artistas e pesquisadoras/es, em níveis de iniciação científica e mestrado, para participar de rodas de conversa sobre as seguintes pesquisas em andamento: *Autobiografia em práticas artísticas sobre Mulheridade e Histórias de Família*, com Felipe Santos de Souza¹⁶ e Levi Nascente; *Autobiografia em práticas artísticas sobre Narrativas de deslocamento e Sonho*, com Jeise Kelli Carneiro Procópio e Mariana Siqueira Caldas¹⁷; *Espaços autobiográficos*¹⁸, com Dare Arantes, Eddy Pontes, Fernanda Oliviere e Fernando Santos; *Econarrativas visuais*, com Ingrid Costa (Figura 7); *Poéticas de Libertação*, com Lucélia Maciel de Souza¹⁹; O sonho na criação artística, com Manuela Costa; e Gênero no espaço público e no espaço privado, com Debora Taiane Oliveira Alves²⁰.

[18] Projeto disponível em: <https://autobiograficos.wixsite.com/espautobiograficos>. Acesso em: 20 out. 2021.

[19] A estudante Lucélia Maciel de Souza apresentou sua pesquisa no 29º Encontro Nacional da Anpap, em 2020 (MEMÓRIAS DE UMA LAMPARINA: POÉTICAS DE LIBERTAÇÃO. ESTÚDIO ANPAP 2020 – DISPERSÕES. *Youtube*, 26 set. 2020, 8m22s. Disponível em: <https://youtu.be/pMmlPg8ZNhY>. Acesso em: 20 out. 2021).

[20] A estudante Debora Taiane Oliveira Alves apresentou sua pesquisa no 30º Encontro Nacional da Anpap, em 2021 (A PENEIRA DA CASA E A PENEIRA DA RUA. ESTÚDIO ANPAP 2021 – (RE) EXISTÊNCIAS. *Youtube*, 27 set. 2021, 8m13s. Disponível em: <https://youtu.be/6EMmiolTCQE>. Acesso em: 20 out. 2021).



Figura 7. Ingrid Costa, cartaz de divulgação da oficina ministrada para a segunda turma da disciplina Laboratório de Práticas Autobiográficas, 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

A avaliação final da disciplina foi realizada no formato de correspondência. Sorteamos os pares de remetente-destinatário e, ao escrever a um/uma colega, cada pessoa deveria seguir um roteiro para abordar as seguintes questões: Onde você estava quando aqui chegou em 25 de fevereiro de 2021?; Que instrumentos de orientação você utilizou ao longo do percurso na disciplina (bússolas, birutas, constelações)?; Onde você se encontra agora (e o que vê do seu mirante)?; Reflita sobre o percurso a partir das evocações de memórias e sonhos feitas em seu diário; Dialogue com os conteúdos apresentados pelas/os artistas convidadas/os que estiveram presentes neste núcleo livre; Relacione tais reflexões com os textos mais significativos lidos por você durante a disciplina; Apresente sua produção artística destacando materiais, técnicas, processos e linguagens; Que movimentos sua autobiogeografia provocou?

As cartas foram escritas, endereçadas e enviadas, algumas delas pelos correios e outras por e-mail. Tivemos um último encontro para realizar a leitura – em voz alta – da correspondência recebida. Foi um momento emocionante de troca e despedida. A carta a mim endereçada veio primeiro por e-mail para atender ao prazo da disciplina. No entanto, semanas depois, em 5 de julho de 2021, um envelope chegou à minha residência, em Goiânia, pelos correios. Vinha de Porteirinha, Minas Gerais, com carimbo de 4 de junho de 2021. Trazia um cartão postal e duas folhas de papel pautado cuidadosamente decoradas com bordas recortadas pelo fogo. Ao abrir o envelope, foi o perfume de papel queimado que primeiro se apresentou, constituindo ali um espaço de forte presença e comunicação para além das palavras – ditas ou escritas. Nesse momento, o imaginário entrou em ação e pude

visualizar Josy, a remetente, desenhando aquelas bordas com fogo como se fossem mapas de suas experiências compartilhadas ao longo da disciplina. A carta, datada de 25 de maio de 2021, apresenta reflexões da geógrafa, doutoranda e professora que, em delicada caligrafia, escreve: *Outro dia me dei conta que o rio que atravessa a comunidade onde atualmente realizo uma pesquisa é o mesmo rio onde uma tia muito amada lavava roupas, tenho uma memória vívida dela no rio. Há um oriki (saudação) iorubá que diz “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”. Sigo acreditando nessa “lógica” iorubá do tempo, ela me orienta a ultrapassar a lógica material dos encontros no tempo-espaço* (Figura 8).

Em 22 de outubro, após ter tomado a segunda dose da vacina contra o coronavírus, fui aos correios. Enviei um cartão postal para Josy em seu endereço de Minas Gerais de forma a retribuir a materialidade postal-afetiva que me foi endereçada durante a disciplina. Tempos depois, no dia 1 de dezembro, fui surpreendida por um envelope amarelo em minha caixa de correio. Ao abri-lo, uma “quase telepresença” saltou-me aos olhos: estava diante da impressão – em papel fotográfico – de um print de tela de um dos nossos encontros na disciplina (Figura 9). O “print do print” me transportou imediatamente para a nossa sala on-line e provocou reflexões profundas sobre os tantos transbordamentos inesperados que podem surgir das vivências significativas compartilhadas numa sala de aula. No verso da foto, Josy me conta: *A fotografia sempre foi um limbo para mim, ela materializa memórias: a amaldiçoado e a venero. Amo tudo que compõe essa fotografia: os gestuais, os sorrisos, data e hora grafadas nela, e o que mais me encanta é a possibilidade de revisitá-la e junto ao caderno de aula reencontrar todes vocês.*



Figura 8. Cartão postal enviado por Josy Souza. Cachoeira do Serrado, Porteirinha, Minas Gerais, Brasil. Foto: Studio Anthony (038) 821-1417 – Janaúba – MG. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 9. Troca de cartas com Josy Souza. Impressão em papel fotográfico feita por Josy a partir do print de tela registrado por Òkun num dos encontros da segunda turma da disciplina Laboratório de Práticas Autobiográficas, 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

O espaço autobiogeográfico em construção

O gesto, a palavra, a imagem, o traço. Todos são tomados aqui como exercícios de abertura teórico-prática para experimentações em Artes Visuais. A ficção pode se dar em meio à não-ficção, e vice-versa. Técnicas, linguagens e

guardados são convocados. Materialidades e imaterialidades passam a evocar histórias de vida. Atos autobiográficos. Não se trata da autobiografia como gênero literário canônico ligado ao surgimento do sujeito moderno. No Laboratório de Práticas Autobiogeográficas, o ponto de partida é autobiográfico como força impulsionadora de ondas (feministas) e giros (decoloniais) que questionam a universalidade do sujeito dominante moldado pelo patriarcado e mantido às custas da violência colonial contra a diferença. Desejamos tsunamis e furacões epistemológicos. Ao lidarmos com o gênero “autobiografia” desde as Artes Visuais, não desejamos endereçar o cânone literário, apenas. Concordamos com Arfuch (2009) quando reconhece que se trata, aqui, de um “espaço biográfico” mais amplo,

[...] mais dilatado que o gênero, pensado não a partir da pureza étnica, mas sim das interações, das inter-relações, do hibridismo das formas, de seus deslizamentos metonímicos, de sua intertextualidade, em resumo, das diferentes maneiras em que as vidas “reais” – experiências, momentos, iluminações, lembranças – narram-se, circulam e são apropriadas nas incontáveis esferas da comunicação midiaticizada (ARFUCH, 2009, p. 114, aspas da autora).

Arfuch sinaliza a multiplicidade inerente ao espaço biográfico que é composto pelas formas mais tradicionais (auto/biografias, memórias, diários, correspondências, testemunhos) e expande-se à medida que vai sendo alargado pelas tecnologias e pela comunicação em rede. No que diz respeito à tal expansão, temos especial interesse em observar quais são as contribuições das Artes, e das Artes Visuais especificamente, a partir da perspectiva do fazer artístico (RODRIGUES, 2021). Arfuch

reconhece que, nas Artes, o espaço biográfico vai transbordar no cinema, no audiovisual, no teatro, nas artes visuais, em que “pode-se perceber um crescente deslize auto-referencial” que evoca registros íntimos, objetos, gestos, narrativas de vida (ARFUCH, 2009, p. 114). Já na academia, de forma geral, a autora ressalta que há a ego-história, as autobiografias intelectuais, a autobiografia como tema de pesquisa, “a narração auto-referente da experiência teórica” (ARFUCH, 2009, p. 114). Nesse sentido, pode-se afirmar que parte das pesquisas artísticas desenvolvidas em níveis de graduação e pós-graduação, principalmente nos Programas de Pós-Graduação em Artes, podem também ser geradoras de importantes questões sobre e para o espaço biográfico. As obras de arte, os processos de criação e os textos de artista que de forma indissociada dão corpo a pesquisas dessa natureza, têm proporcionado articulações importantes entre a materialidade dos guardados e a imaterialidade das memórias e histórias de vida por meio do fazer artístico (RODRIGUES, 2021).

Philippe Lejeune (2008), ao refletir sobre a autobiografia em relação ao romance a partir de André Gide e François Mauriac, destaca que aparentemente ambos os autores valorizam mais o romance mas não excluem suas dimensões autobiográficas. Acabam por estabelecer um pacto fantasmático com o leitor, ou seja, um pacto que mascara (no romance) a “verdade” que seria esperada na autobiografia. A autobiografia, por sua vez, é apenas insinuada no texto ficcional que pretende guardar em si alguns resquícios dessa “verdade”. Teríamos aí algo como um romance baseado numa autobiografia ou uma ficção que apresenta o vivido. Lejeune reconhece essa manobra como uma estratégia usada pelos autores para escapar “às

acusações de vaidade e egocentrismo, ao demonstrar lucidez quanto aos limites e insuficiências de sua autobiografia” (LEJEUNE, 2008, p. 43). Bem, talvez não se trate aqui de saber qual é o mais verdadeiro (o romance ou a autobiografia), mas sim de observar qual é o espaço específico criado pelos autores quando consideram a autobiografia em relação ao romance e à ficção. Tal relação nos interessa, pois nos auxilia na investigação do que está a ocorrer na intersecção entre os Estudos Auto/Biográficos e as Artes a partir da perspectiva do fazer artístico. Considerando que o espaço criado pela relação romance/autobiografia seja autobiográfico, a leitura do conjunto da obra – literária, visual, cênica, musical, dentre outras – se dará, então, no registro autobiográfico. Os textos ou obras de arte que constituem o *projeto autobiográfico* do autor/artista são abertos, fragmentados ou processuais, seja o projeto assumidamente uma autobiografia ou pretensamente uma ficção ou autoficção.

A disciplina Laboratório de Práticas Autobiogeográficas estimulou o delineamento de projetos autobiográficos que se propõem a exercitar poéticas de (auto)localização no campo das Artes Visuais. Nesse processo, a autobiogeografia (RODRIGUES, 2017) funcionou como abordagem crítica e criativa no contexto de Pesquisas Autobiográficas em Arte (RODRIGUES, 2021). Daí, experimentamos atravessamentos entre os Estudos Auto/Biográficos e a Geografia Humanista, tensionados pela Geografia Feminista e pelos Estudos Decoloniais. Estimulou-se a criação de um espaço para a percepção de si em meio a exercícios artísticos criticamente situados – no tempo, no espaço, na história, no viver. Eis o espaço autobiogeográfico em construção, em meio a gestos e atos ficcionais ou não.

Ao analisar a obra *The Little School: Tales of Disappearance & Survival in Argentina*, da autora Alicia Partnoy, Detwiller (2012) chama a atenção para a relação fundante entre lugar e identidade na literatura latino-americana, o que vai dar os contornos do espaço autobiográfico crítico e político no qual esse tipo de literatura se constitui. O livro em questão trata das memórias de Partnoy sobre o espaço prisional clandestino para onde foi levada em 1977, na Argentina. Partnoy descreve a diferença de tratamento dos corpos naquele espaço quanto ao gênero (homens e mulheres), chamando a atenção para o assédio sofrido por mulheres durante o encarceramento. Detwiller (2012) observa que, ao se referir à sala de tortura que havia na prisão, a autora não escreveu sobre a violência de gênero que ali também ocorria. Ao invés disso, inseriu imagens para sinalizar aquilo que as palavras não conseguiam dizer. Segundo Detwiller, as imagens foram pintadas por Rachel Partnoy (mãe da autora Alicia) e “narram mais completamente o que no texto escrito às vezes aparecem como silêncios de gênero” (DETWILLER, 2012, p. 53, tradução nossa)²¹.

Menciono a análise de Detwiller (2012) do texto de Alicia Partnoy para destacar a força das imagens e do fazer artístico que, por vezes, chega a lugares – da emoção e do trauma – inacessíveis às palavras. Ao exercitar poéticas de (auto)localização no contexto de um projeto autobiográfico criticamente situado, construído no campo das Artes Visuais, buscamos criar um espaço autobiográfico transformador (pelo fazer, pelas imagens, pelas materialidades e imaterialidades) nutrido pelas partilhas de singularidades (visuais, poéticas, técnicas, narrativas) em meio à coletividade. Esse espaço abre brechas na academia para a partilha de saberes que

emergem das histórias de vida como conhecimento artístico. A força do trabalho artístico como recurso testemunhal é celebrada também por Gloria Anzaldúa (2012) quando afirma que as imagens são mais diretas que as palavras e estão mais próximas do inconsciente. Ao escrever sobre imagens residuais advindas de traumas pessoais, históricos e sociais, Anzaldúa revela que busca reconstruí-las pelos processos de criação na escrita: “[...] ao reconstruir os traumas por trás das imagens, faço ‘sentido’ deles e, uma vez que tenham ‘sentido’, são mudados, transformados. É então que escrever me cura, me traz uma grande alegria” (ANZALDÚA, 2012, p. 92, aspas da autora, tradução nossa)²².

Nas duas edições da disciplina Laboratório de Práticas Autobiográficas, em 2018 e 2021, vivenciamos processos de saber e saber-se pelo *fazersentirpensar*. O espaço autobiográfico foi se constituindo na interação, questionamento, desfazimento e refazimento de entendimentos e vínculos epistemológicos em meio aos processos de criação artística, individuais e coletivos, ficcionais ou não. Construímos um lugar de encorajamento coletivo para a reivindicação de saberes entranhados nas singularidades da vida, saberes que não foram ainda devidamente convidados a integrar currículos. Nessa disciplina, o espaço autobiográfico foi se constituindo no acolhimento das vivências, fragilidades e não saberes, das incompletudes e pluriversos das pessoas envolvidas nas dinâmicas dos encontros. Percebemos, no processo, que há perguntas pré-estabelecidas que não podem ser respondidas: não porque não temos condições de respondê-las, mas sim porque as perguntas em si precisam ser reformuladas a partir de outros lugares, outras perspectivas.

[21] “Raquel Partnoy’s paintings narrate more fully what in the written text at times appear as gendered silences” (DETWILLER, 2012, p. 53).

[22] “[...] in reconstructing the traumas behind the images, I make ‘sense’ of them, and once they have ‘meaning’ they are changed, transformed. It is then that writing heals me, brings me a great joy” (ANZALDÚA, 2012, p. 92, aspas da autora).

[23] "My 'awakened dreams' are about shifts. Thought shifts, reality shifts, gender shifts: one person metamorphoses into another in a world where people fly through the air, heal from mortal wounds. I am playing with my Self, I am playing with the world's soul, I am the dialogue between my Self and *el espíritu del mundo*. I change myself, I change the world" (ANZALDÚA, 2012, p. 92, aspas e itálicos da autora).

No último dia de aula, em 2021, uma das estudantes mencionou que havia percebido, ao longo da disciplina, que não teve muito encorajamento e tempo na vida para olhar para si. Usou, então, o tempo do núcleo livre para elaborar perguntas nunca feitas, o que acabou por deslocar algumas de suas percepções pessoais e profissionais. Outra aluna completou: "Aprendi que olhar para mim é importante para poder olhar para as outras pessoas". O espaço autobiográfico foi nascendo desses diálogos e se tornando um lugar para "sentir a cabeça de volta ao corpo" (como sinalizou outra aluna), para não esquecermos que o conhecimento é gerado com o corpo todo, considerando suas singularidades. O *corpo todo* lança perguntas situadas, por vezes dolorosas, que remexem o nosso passado colonial, desafiam a branquitude e a colonialidade que ainda permeiam as estruturas sociais com as quais nos relacionamos. As feridas do *corpo todo* sangram, mas também apontam para caminhos de cura e transformação, como já sinalizou Anzaldúa (2012)²³.

No espaço autobiográfico em construção temos aprendido, sobretudo, a cavar. Não para encontrar algo que esteja ali enterrado, mas para mover, aerar, descompactar o solo. Revolver topografias. Modificar paisagens. "Volver" significa dirigir-se para uma outra direção, voltar-se, virar-se para outros lugares. Lugares de onde possamos semear outras perguntas para a escola, para a universidade, para o museu, para o arquivo, para a história, para a arte e para a auto/biografia.

NOTAS DE FIM

1. Disciplinas de núcleo livre são propostas por unidades acadêmicas específicas, porém ofertadas a estudantes de todos os cursos da Universidade Federal de Goiás/UFG. Segundo a Resolução CEPEC 1557R, publicada em 2017 e revisada em 2021: "Art. 12. Núcleo Livre (NL) é o conjunto de conteúdos que têm por objetivo: I- ampliar e diversificar a formação do estudante; II- promover a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade; III- possibilitar o aprofundamento de estudo em áreas de interesse do estudante; IV- viabilizar o intercâmbio entre estudantes de diferentes cursos da UFG" (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2017, p. 4).

2. "Moving deeper, we come to a level of memory that is much more than personal. It is the memory of history, of experiences that belong not to ourselves alone but to the memory of humankind. Awarenesses come to us that are derived from events we have not experienced personally, but which in some mysterious way have left their traces in our consciousness" (PROGOFF, 1981, p. 164). "Knowledge comes to us beyond our individual experiences. History speaks to us on many levels, depending on the sensitivity to it that our practice has given us" (PROGOFF, 1981, p. 165).

3. "Much that we never perceived before/ Is presenting itself to us now./ As these perceptions come to us,/ We record them./ We write them as we perceive them./ We go inward to behold them/ And we come upward/ Briefly, quickly/ To record what has been shown to us/ At the depth of the well./ We record/ So that we shall remember/ The atmosphere/ And the reality we have known./ In time to come/ We shall consider/ And reconsider/ The multiple messages/ That were given to us/ At the depth of the well" (PROGOFF, 1981, p. 95).

4. "Sharing the underground stream/ We are invited to speak,/ To ask our questions,/ To consider the answers/ And to record what is said./ We are invited to speak,/ To share in dialogue/ Here in the underground stream,/ Listening and speaking/ With those who have entered before us/ And have left their mark/ Upon the atmosphere/ Of the underground stream. Their quality of being/ Is awaiting us/ In the timeless waters" (PROGOFF, 1981, p. 129).

REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo Albán. Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos. *In*: WALSH, Catherine (ed.) **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir (Tomo 1). Quito: Abya Yala, 2013. p. 443-468.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands, la frontera**: the new mestiza. 4.ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico na (re)configuração da subjetividade contemporânea. *In*: GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini (orgs.) **Em primeira pessoa**: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume, Fapesp, FFLCH, USP, 2009. p. 113-121.

BOECHAT, Walter. Luzes e sombra da alma brasileira: um país em busca de identidade. *In*: BOECHAT, Walter (org.) **A alma brasileira**: luzes e sombra. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 71-93.

DETWILER, Louise. (Theorizing) Semiotic Landscapes: Autobiogeographical Spaces in The Little School and The Latin Deli. **Notandum**, São Paulo/Porto, n. 29, p. 49-58, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand29/49-58Detwiler.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

HANISCH, Carol. **Women of the world, unite!** Disponível em: <http://www.carolhanisch.org>. Acesso em: 20 out. 2021.

HELGUERA, Pablo. **Education for socially engaged art**: a materials and techniques handbook. New York: Jorge Pinto Books, 2011.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

PITTS, Andrea J. Gloria E. Anzaldúa's autohistoria-teoría as an epistemology of self-knowledge/ignorance. **Hypatia**, v. 31, n. 2, p. 352-369, Spring 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hypa.12235>. Acesso em: 16 ago. 2016.

PROGOFF, Ira. **The well and the cathedral**: an entrance meditation. New York: Dialogue House Library, 1981.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Pesquisa autobiográfica em arte: apontamentos iniciais. **Revista Nós**: Cultura, Estética e Linguagens, Goiás, v. 6, n. 1, p. 95-130, maio 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/11364>. Acesso em: 13 set. 2021.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Autobiogeografia como metodologia decolonial, *In*: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26, 2017, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 3148-3163. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro_____RODRIGUES_Manoela_dos_Anjos_Afonso.pdf. Acesso em: 4 jan. 2021.

TUAN, YI-FU. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Conselho Universitário. **Resolução nº 1557R/2017, de 1 de dezembro de 2017**. Aprova o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação (RGCG) da Universidade Federal de Goiás, e revoga as disposições em contrário (as alterações trazidas pela Resolução CONSUNI Nº 33/2020, de 14 de agosto de 2020, são de caráter temporário). Goiânia: Conselho Universitário, 2017. Disponível em: <https://www.ufg.br/n/63397-resolucoes>. Acesso em: 11 out. 2021.